

## INDISCIPLINA E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS DE MATEMÁTICA

*Arnold Vinicius Prado Souza*

*Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)*

*arnold.prado@hotmail.com*

*Joseli Almeida Camargo*

*Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)*

*jcamargo@uepg.br*

### **Resumo:**

O presente trabalho relata uma vivência no ambiente escolar, que surgiu ao observar situações como a falta de interesse por parte dos alunos, principalmente nas aulas de Matemática. O público alvo foram alunos regularmente matriculados nos 6º anos de um Colégio Estadual, no município de Ponta Grossa – PR. As intervenções foram realizadas pelo acadêmico do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, sob a supervisão das professoras regente de classe e coordenadora da UEPG, via o Projeto de Extensão “Formação do professor e pesquisador em Educação Matemática: desafios e perspectivas”. A pesquisa desenvolvida buscou entender o que gera a indisciplina escolar e identificar os motivos que levam os estudantes a este comportamento. Durante as intervenções o grande desafio foi tornar as aulas mais atrativas para os alunos, promovendo a participação, estimulando o raciocínio lógico e resgatando a autoestima do aluno.

**Palavras-chave:** Indisciplina; Aula de Matemática; Extensão Universitária.

### **1. Introdução**

Para se viver em sociedade é necessário seguir regras, o não cumprimento dessas, pode acarretar o desajuste social perante o grupo ao qual se está inserido. No ambiente escolar as regras servem para manter a organização na sala de aula, que cada vez mais está sendo substituída pela indisciplina, tornando-se um dos grandes desafios para o cenário educacional. Lembrando que tal preocupação ultrapassa os muros da escola e atinge toda a sociedade. Sem as regras de normatização social (leis) torna-se muito difícil a convivência em sociedade.

Reconhecer que a indisciplina existe é buscar compreender o que se entende por indisciplina e identificar porque ela se manifesta, nesse caso nas aulas de matemática, é avançar ao encontro de possíveis soluções que possam melhorar ou até sanar as dificuldades existentes. Chagas (2001, p.11) define a disciplina escolar como [...] um conjunto de regras

que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e consequentemente na escola.

A questão da (in) disciplina é um dos grandes desafios enfrentados hoje pela família e pela escola e tem gerado consequências graves no âmbito escolar e social. Para Chagas (2001, p.39), “a indisciplina é o oposto da disciplina”, ou seja, de fato os alunos se recusam a submeter-se à ordem estabelecida, a cumprir com determinados padrões de comportamento moral imposto pela escola. A indisciplina no meio educacional é vista como uma manifestação de um aluno com um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, ou desrespeito pelas regras estabelecidas.

Nesta perspectiva, o presente trabalho apresenta algumas observações e descobertas acadêmicas, referente à indisciplina, resultantes de uma ação docente que ocorreu ao longo do ano de 2015. A ação envolveu aproximadamente sessenta alunos do Colégio Estadual 31 de Março do município de Ponta Grossa – PR, com idade entre dez e doze anos, regularmente matriculados nos 6<sup>os</sup> anos, via o projeto de extensão “Formação do professor e pesquisador em Educação Matemática: desafios e perspectivas”, atrelado ao Estágio Curricular Supervisionado vinculado a Universidade Estadual de Ponta Grossa - Pr.

As ações foram surgindo gradativamente a partir do momento em que o acadêmico do Curso de Licenciatura em Matemática, inserido no contexto escolar, defrontou-se com situações como a falta de disciplina e a falta de interesse por parte dos alunos nas aulas de matemática. Verificada esta situação buscou analisar porque e o que levava os alunos observados a agirem daquela maneira em sala de aula.

As intervenções ocorreram sempre às terças feiras, no horário da aula de Matemática, visando identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos quanto ao entendimento e assimilação dos conteúdos matemáticos, bem como analisar a dificuldade do professor em abordar esses conteúdos de maneira dinâmica e atrativa para os alunos. O propósito maior sempre foi buscar fortalecer o ensino e tornar a aprendizagem da matemática mais significativa.

## 2. Objetivos

Os objetivos propostos foram: entender o conceito de indisciplina escolar; identificar quais são os motivos que levam os estudantes a assumir uma postura indisciplinada nas aulas de Matemática e refletir sobre abordagens metodológicas realizadas em sala de aula. Visando tornar as aulas mais interessantes e atrativas para os discentes, promovendo assim maior e melhor participação dos estudantes.

A proposta foi focar principalmente no momento de incentivo das aulas, aproveitando os motivos já latentes no aluno e despertando nele os interesses intrínsecos, que são as manifestações de um motivo. Entendendo que ao proporcionar mais segurança aos alunos, esses realizam com êxito e ânimo as atividades propostas, tornando assim, as aulas mais dinâmicas, claras e objetivas.

## 3. Referencial teórico-metodológico

São vários os fatores identificados como geradores da indisciplina, como por exemplo: a existência de novas tecnologias mais atrativas que as aulas; a indisposição do aluno para raciocinar; a família desestruturada; a escola com espaços e recursos escassos; as mudanças no comportamento e estrutura social; aulas de cunho extremamente expositivo; falta de material de apoio; falta de preparo pedagógico; falta de perspectivas futuras, tanto pelos professores como pelos alunos e o desestímulo profissional entre os docentes em formação inicial e em serviço, constituem-se assim situações que se opõem ao que é convencionalizado como disciplina na escola.

Segundo dicionário Aurélio indisciplina significa: “falta de disciplina; desobediência; rebelião”. Na literatura a indisciplina apresenta inúmeras designações, sendo as mais comuns, referentes a problemas de comportamento, mau comportamento ou ainda, problemas de disciplina. A indisciplina reflete o incumprimento das regras previamente estabelecidas pelo professor (AMADO; FREIRE, 2002), podendo ser entendida como um "incidente na fluência da aula e na comunicação professor-aluno ou aluno-aluno” (MENDES 1998, p. 10).

A partir desta primeira análise, buscou-se refletir e para tal levantou-se questionamentos sobre a turma observada, a saber: Por que a turma apresenta indisciplina nas aulas de matemática? Essa indisciplina deve-se apenas ao mau comportamento, ou porque os

alunos não entendem os conteúdos matemáticos desenvolvidos? Ou ainda, deve-se a maneira de como as aulas estão sendo conduzidas?

Partindo desses questionamentos optou-se em mudar a abordagem com que vinham sendo planejadas as aulas de Matemática, diminuindo o enfoque expositivo e fazendo com que os alunos se envolvessem mais com as aulas, viabilizando que construíssem e brincassem com os conceitos matemáticos.

Notou-se que a maior dificuldade dos alunos era referente à interpretação matemática e ao domínio das operações básicas. Ou seja, os alunos não tinham segurança para realizar uma atividade, pois não sabiam como proceder. Assim, era mais “fácil” ignorar a proposta de trabalho e envolver-se com atividades paralelas, o que gera a indisciplina durante as aulas.

Constatado isso, se optou em revisitar alguns conteúdos básicos da matemática. Para isso, a professora regente de classe, cedeu uma aula por semana, a ser realizada as terças feiras, denominada de “Aula de matemática básica”. Nesta aula a abordagem priorizada foi a exploração do lúdico, por exemplo, resgatou-se as operações fundamentais por meio de materiais concretos, pois se considera que os alunos envolvidos estão ainda em fase de transição do ensino fundamental I para o II. Nessas intervenções os alunos foram incentivados a realizarem perguntas e questionamentos bem como a participar, mesmo que errando, pois é do erro que vem o acerto.

Mesmo que o enfoque tenha sido dado aos conteúdos da disciplina de Matemática, buscou-se constantemente fazer a ponte com outros temas, tais como: respeito, cidadania, vocabulário, princípios morais, ética. Inserindo a matemática na realidade na qual os alunos estão inseridos. Mas mesmo levando materiais diferenciados como jogos matemáticos e textos abordando a história da matemática, e buscando abordagens diferenciadas, enquanto estagiário a manutenção do interesse e participação dos alunos durante as aulas foi um desafio, necessitando constantes reflexões e reorganizações do planejamento.

No ensino da matemática um dos grandes desafios é estimular os alunos a cada aula, para que possam ter mais autonomia e segurança para a realização das atividades propostas, possibilitando assim o desenvolvimento do raciocínio lógico, a capacidade de abstrair e generalizar. Também é fundamental identificar a presença da matemática no cotidiano, pois

de acordo com a fala de muitos alunos *“eu só entendo quando eu sei, onde eu utilizo”* e *“é, quando sei onde utilizar o que aprendo, faz mais sentido”* (alunos do 6ºs anos).

Durante as intervenções procurou-se estimular o desenvolvimento do raciocínio lógico nos alunos através de situações-problemas, discutir os erros e as razões pelas quais ocorreram esses erros. Muitos dos alunos envolvidos demonstraram interesse em participar das atividades, principalmente os rotulados como indisciplinados, que nunca realizavam tarefas e que só brincavam em sala de aula, sendo um dado positivo, pois a proposta é despertar o interesse dos alunos que a princípio são desinteressados pelo estudo da matemática. Foi necessário que tanto a professora regente da classe como o acadêmico redimensionassem suas práticas docentes, e recorressem à criatividade, criando novas estratégias de ensino que auxiliassem na ação.

Veiga (2007a, p.35) destaca o papel do professor criativo e que vem ao encontro do que a proposta sugere:

O professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos como tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovação nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas.

No âmbito da sala de aula o papel desempenhado pelo professor e de importância fundamental para o envolvimento do aluno. Ao professor cabe a tarefa de proporcionar situações favoráveis para que o aluno aprenda. Fita (2003, p.92) evidencia que o “professor pode ser uma fonte de motivação importantíssima. O tipo de relação que estabelecemos com os alunos, pode gerar uma confiança e um aumento da atenção que são condições indispensáveis para a aprendizagem”.

Para que esses alunos se sentissem parte do processo, utilizou-se como estratégia, atribuir funções, tais como monitores da aula, ou seja, os alunos escolhidos pelo professor, seguindo uma ordem de rodízio ao longo das aulas, auxiliavam aos colegas na realização das atividades. Eles realizavam as atividades, mostravam e discutiam com o professor e ao serem liberados ajudavam aos demais colegas.

Quando se imagina em uma escola baseada no processo de interação, não está se pensando em um lugar onde cada um faz o que quer, mas num espaço de construção, de valorização e respeito, no qual todos se sintam mobilizados a pensarem em conjunto. (BARBOSA, 2011, p. 02)

Percebemos que todo o contexto da indisciplina, provavelmente era motivado pela insegurança, em não dominar a linguagem correta para verbalizar suas dúvidas. Neste contexto Vygotsky (1976, p. 78), destaca que a relação professor-aluno não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento, no qual o aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, a de um indivíduo mais experiente.

Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno traz em sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. Sendo assim, destaca-se que o papel do professor nesse processo é de grande importância, pois será um dos componentes que auxiliará no avanço e na conquista da aprendizagem.

Conseguiu-se pontuar com muita intensidade a cobrança criada pelo próprio aluno, o que o tornava reprimido, retraído. Também a dificuldade em lidar com o erro, o que não permitia que o aluno avançasse na compreensão dos conteúdos. Essa questão do erro foi um dos tópicos intrigantes desta ação, ajudou a entender as dificuldades dos alunos envolvidos, buscando da melhor forma possível saná-las. Concordamos com Azenha (apud FERREIRO, s/d, 1994) que explicita "diante do 'erro' observado nas realizações da criança o interesse construtivista não é apontá-lo, mas estudá-lo, descobrir suas razões."

E foi com essa abordagem, de não evidenciar o erro, mas buscar estudá-lo e utilizá-lo a favor do trabalho que se fizeram as abordagens com os alunos. Foi possível realizar outras atividades relacionadas ao estímulo do raciocínio lógico, ao desenvolvimento do cálculo mental, pôde-se construir a ideia da tabuada, seguindo para conteúdos com abordagens mais complexas. Nesse momento muitos alunos percebiam o significado do que estava sendo tratado com eles em sala de aula e de como esses assuntos matemáticos estavam relacionados.

Com as oficinas pedagógicas foi possível motivar os alunos para participarem das aulas. Pozzo (2002) salienta que a motivação deve ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem, pois, como tem sido recorrente afirmar, sem motivação não há aprendizagem.

#### 4. Resultados

A indisciplina possui inúmeras designações, o mais comum no campo da educação está relacionado ao mau comportamento, mas nessa análise, buscou-se não pensar no mau comportamento apenas, mas investigar o que leva o aluno a ter essa postura, elencando que ocorre na disciplina de matemática.

Percebeu-se ao longo das aulas que a chamada indisciplina dos alunos, na realidade era uma forma de fuga do que realmente estava incomodando, ou seja: o não entendimento de muitos conceitos matemáticos, a insegurança e a timidez em perguntar, o não acreditar em suas capacidades. A partir das abordagens realizadas conseguiu-se ver a diminuição da indisciplina na sala de aula e no ambiente escolar.

Coube aos professores, a tarefa de se aprofundar sobre o tema (in) disciplina e também dar toda a atenção necessária, durante a abordagem realizada, grande parte das dificuldades encontradas durante a ação foi sanada, sendo assim algo positivo e produtivo, pois muitos alunos foram atingidos, também houve progresso nas avaliações e trabalhos, mas vale ressaltar ainda, que se trata de um processo, que se iniciou a pouco tempo e leva um tempo para que muitos absorvam a ideia e assim consigam aceitá-la e a pôr ela em prática.

Nesse contexto, percebe-se o professor como mediador da construção do conhecimento. Deve estar disposto a fazer um trabalho diferenciado, aplicar novas técnicas e estratégias de estudo diferenciadas que facilitem o entendimento, que visem o ânimo e entusiasmo na realização das ações que são propostas aos alunos.

Dessa forma, durante a pesquisa fatores que desencadeiam a indisciplina já foram identificados, dentre eles destaca-se: a realidade cotidiana em que os alunos vivem as aulas desinteressantes e o déficit de conteúdos apresentados pelos alunos.

#### 5. Conclusões

Até o presente momento percebeu-se a importância de pensar na totalidade do aluno, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), consta que uma educação de qualidade deve desenvolver as capacidades interrelacionais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, visando à construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres.

O contato com as dificuldades dos alunos despertou o interesse do acadêmico envolvido nas intervenções e da professora regente da turma em descobrir diferentes abordagens para o ensino e aprendizagem de matemática. Isso fez com que ocorresse um estudo maior para levar novas técnicas e estratégias de estudos que viessem a contribuir com o aluno, para minimizar as dificuldades, temas que ajudassem na construção dos valores e princípios dos alunos.

Dessa forma, continuará a análise e as investigações com a turma que já tem sido trabalhada e que atualmente está matriculada no 7º ano. Espera-se que esse tipo de abordagem venha a contribuir e ampliar o conhecimento e a vontade de muitos professores de levarem novas estratégias e de que os alunos tenham mais vontade de aprender, mais segurança e autonomia em suas decisões.

## 6. Referências

BARBOSA, Valdely Dias. A relação professor-aluno no processo de ensino aprendizagem. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/a-relacao-professor-aluno-no-processo-de/73895/Acesso em 15 de Abril de 2016>.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF,1997.

FITA, E.C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA,J.A;FITA,E.C.A motivação em sala de aula: O que é, como se faz. 5 ed. São Paulo: Loyola,2003.

GARCIA, J.; Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva; Revista Paranaense de Desenvolvimento; Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social; Curitiba – PR; Disponível em: [www.ipardes.pr.gov.br](http://www.ipardes.pr.gov.br).

PACHECO, J. A.; A (in) disciplina na transição da educação pré – escolar para o 1º ciclo de ensino básico: implicações na qualidade das aprendizagens e no desempenho docente; Dissertação em Ciências da Educação. Universidade do Minho, 2012.

POZZO, J.I. Motivação e desmotivação: desafio para as professoras. Disponível em:<<http://calvadosc3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/n.27,p.277-290>; 2006. Acesso em: 06 jun.2007.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

VASCONCELOS, Celso dos S. Disciplina. São Paulo: Libertad, 2001.